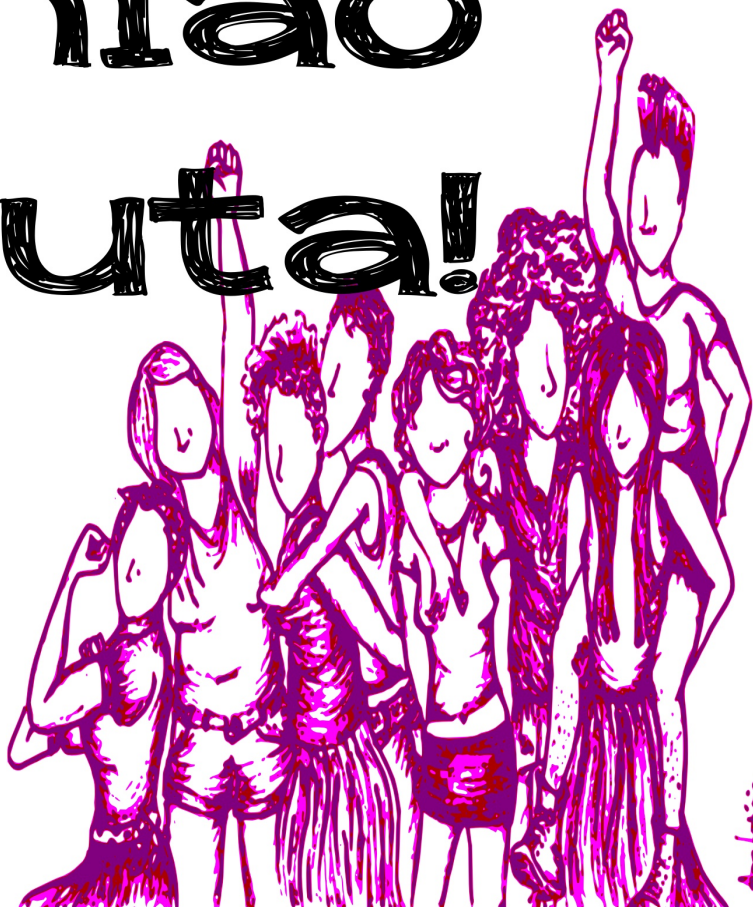
AURORA
OBREIRA
REVISTA Nº 72
ANO 5 - 2017
MARCO
EDUCAR, ORGANIZAR, EMANCIPAR!

União Luta!

EDITORIAL

A "ausência de estrutura" torna-se uma forma de mascarar o poder e no movimento feminista é normalmente defendida com mais vigor pelos mais poderosos (estejam eles conscientes de seu poder ou não). As regras sobre como as decisões são tomadas são conhecidas apenas por poucos e na medida em que a estrutura do grupo permanece informal, a consciência do poder é impedida por aqueles que conhecem as regras. Quem não conhece as regras e não é escolhido para iniciação deve permanecer confuso ou sofrer de desilusões paranóicas de que algo que não sabe bem o que é está acontecendo.

Para que todas as pessoas tenham a oportunidade de se envolver num dado grupo e participar de suas atividades, é preciso que a estrutura seja explícita e não implícita. As regras de deliberação devem ser abertas e disponíveis a todos e isso só pode acontecer se elas forem formalizadas. Isto não significa que a normalização de uma estrutura de grupo irá destruir a estrutura informal. Ela normalmente não destrói. Mas impede a estrutura informal de ter o controle predominante e torna disponível alguns meios de atacá-la. A "ausência de estrutura" é organizacionalmente impossível. Nós não podemos decidir se teremos um grupo estruturado ou sem estrutura, apenas se teremos ou não um grupo formalmente estruturado.

Barricada Libertária, iniciativa de ação direta para divulgação e propaganda do anarquismo sem partidos, sem religião, sem Estado.

Número 72 - Março 2017. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes, sem opressão e sem exploração.

Redação: Barricada Libertária
Colaboração: Fenikso Nigra, Movimento Anarquista, Danças das Idéias, ATB, Iniciativa Federalista Anarquista-Brasil
Esta revista foi feita em soft livre: Scribus, Libreoffice, Inkscape, Gimp, OS Mint 17

Contatos:
Barricada Libertária: lobo@riseup.net, barriliber@riseup.net
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net aŭ fenikso@anarkio.net

Anarquismo e Feminismo

As novas formas de "relações conjugais" e de "relações domésticas" sugerem um novo modelo de feminilidade: o da "mulher liberada", segundo um tipo de liberação que convém a economia capitalista e as políticas dos Estados governantes.

O princípio básico desta feminilidade é a igualdade na diferença. De um lado, as mulheres adquiriram os mesmos direitos e deveres que os homens, no que diz, respeito ao matrimônio, a família ao trabalho e à vida política social. Do outro lado, as diferenças específicas homem - mulher devem e precisam ser preservadas.

Esta especificidade refere-se a toda uma série de características físicas, intelectuais e emocionais que são consideradas típicas da natureza feminina. No entanto, tal conceituação de feminilidade não é mais eficiente para descrever a mulher no mundo atual. Antes, impõe e estabelece um novo estereótipo normatizado e normalizado da mulher.

Os componentes clássicos da mulher submissa eram: heterossexualidade, passividade, narcisismo e sentimentalismo. Hoje, os componentes básicos da mulher liberada camuflam os anteriores e adaptam a mulher às características deste novo ser emergente: individualismo, autonomia, força, autocontrole, eficácia

e racionalidade.

Não obstante as suas contradições, este modelo e mulher justifica psicologicamente e permite socialmente ao mesmo tempo a relação conjugal, a maternidade e, na esfera das relações econômicas, a divisão do trabalho com o homem.

No contexto político, a feminilidade é objeto de negociações de todo tipo entre os movimentos feministas e as instituições que produzem, difundem e inculcam ideologias nas sociedades modernas: o Estado, os meios de comunicação e o meio cultural.

O modelo da "mulher liberada" é, basicamente, o reflexo das relações de poder entre esses dois agentes: Os movimentos feministas e os Estados governantes. Este novo modelo de feminilidade não só torna possível formas "avançadas" de opressão sobre a "mulher liberada", como também, constitui o fator - chave da reversibilidade do movimento de liberação feminina, enquanto movimento cooptado pelo Estado.

A história das mulheres é uma história de avanços e recuos. Em certos períodos históricos, as mulheres adquiriram direitos formais e informais que, em outros períodos, foram perdidos. Por outro lado, outros foram conquistados, de maneiras diversas e em contextos diversos, e assim por diante.

Toda mudança econômica, social e política relevante implica em conseqüências positivas ou negativas para as mulheres. Melhorias em sua condição são sempre fruto de uma mobilização ativa, inserida na contradição dessas mudanças.

A ideologia da feminilidade reflete a variação, no tempo, de uma essência mantida imutável: "o eterno feminino". A eficácia do feminismo, a curto e a longo prazos, depende, em grande parte, da capacidade das mulher em impedir a formação e a institucionalização de novas variantes do "eterno feminino", mesmo que venham apresentadas como parte integrante do processo de liberação da mulher.

O potencial de força das mulheres somente poderá ser mobilizado e usado em favor de sua verdadeira liberação, se o movimento feminista trilhar um caminho verdadeiramente revolucionário. Em outras palavras, se optar por uma mudança da

ordem social e não na ordem social.

O anarquismo oferece instrumentos de organização e de luta revolucionária capazes de tornar realidade o potencial subversivo do feminismo.

Em sua origem, o feminismo representou um sério golpe nas estruturas de poder, em sua forma mais elementar e básica: o controle interpessoal, no jogo recíproco de força e consenso.

Mas a força do protesto feminista pode-se voltar contra as mulheres, se, em sua luta contra a dominação, decidirem aliar-se às instituições detentoras de poder: os partidos políticos e os aparelhos de Estado.

O Estado tornou-se (ou foi convertido em) interlocutor privilegiado do movimento feminista moderno, desde seu surgimento, e de forma cada vez mais íntima. Em seu diálogo com o Estado, o movimento das mulheres, ao formular suas reivindicações principais, terminou por assimilar-lhe a linguagem.

Dessa forma, adquiriram elas direitos que o Estado pode garantir, reformas que o Estado pode realizar e recursos que o Estado pode distribuir.

Ainda o Estado apresenta-se como agente garantidor de mudanças em esferas privadas que ele (Estado) não pode realizar diretamente, coma no caso de relações sexuais e afetivas homem – mulher.

Da mesma maneira que a movimento operário, especialmente em suas formas sindicais institucionalizadas, o movimento feminista é, a todo momento, levado a negociar com o Estado. Por sen turno, o movimento feminista dispõe-se a esse tipo de negociação porque lhe parece que somente esta forma mostra-se capaz de impor respeito a maridos, patrões, pais, concidadãos, colégios, dirigentes de todo tipo, intelectuais, etc.

Essa interação movimento feminista - Estado é coerente com a lógica dos sistemas sociais vigentes. De fato, a função principal do Estado moderno é expressar e neutralizar as tensões e os conflitos causados por atritos entre sujeitos sociais, especialmente as relativos a classes sociais e sexos.

Todo movimento de protesto, a qualquer nível de luta, é

necessariamente remetido ao Estado. E este dispõe dos recursos e mecanismos necessários para neutralizá-lo. Pode e tem reprimido protestos com o uso da violência, mas também tem e pode determinar realizar modificações funcionais do sistema, com vistas a reduzir as tensões, sem comprometer a sua autoridade e perpetuação.

A história do movimento operário, das lutas raciais, dos movimentos estudantis oferecem uma farta ilustração de como opera o mecanismo estatal de controle nas Sociedades modernas.

Sem dúvida, as mulheres obtiveram, sobretudo por parte do

Estado, o reconhecimento de certos direitos e melhorias parciais de sua condição. Na maior parte dos casos, estas vitórias das mulheres tornaram-se, também, vitórias do Estado, na medida em que significaram, em certa medida, um aumento da capacidade do Estado de controlá-las e a seu movimento.

Alguns organismos instalados a nível governamental têm toda a aparência de mecanismos permanentes de controle sobre as mulheres e seu movimento, como, por exemplo, comitês, comissões, institutos montados para estudar a mulher, formular soluções para seus problemas e, até, para montar e implantar projetos feministas.

Estes organismos e instituições multiplicam-se e proliferam em sociedades nas quais a movimento feminista tem provocado fortes impactos e possui articulações regionais e internacionais.

A despeito dessa interação, as relações mulheres - Estado estão longe de ser harmoniosas. Isso porque a Estado não resolveu - e nem pode resolver - as contradições que alimentam a revolta e a resistência das mulheres. Se, por um lado, oferece-se como um interlocutor e lhe fornece canais legais de reivindicações, por outros neutraliza seu potencial revolucionário e corrói seu potencial de libertação.

0 movimento feminista proclama, como princípio, que o privado é político. Séculos de opressão demonstram que a afirmação é verdadeira sob todos as seus aspectos.

É chegado o momento, no entanto, de uma predominância da esfera privada sobre a pública. A primeira é vida e desejo. A segunda é ordem e imposição. Imposição que sempre vem sob a

camuflagem de ajudar o desejo, desejo que é sempre posto a serviço da ordem. Porque se trata, aqui, daquele desejo que a ordem programou e daquela imposição que o desejo previu e a ela se sujeitou.

Para subverter este sistema, é necessário superar a linha imaginária que se construiu entre esfera pública e esfera privada. São duas faces da mesma moeda: a Estado - família e a família - Estado.

É necessário liberar a consciência para o fato de que, neste âmbito de solidão e luta, a moeda corrente é o controle.

Além de outras formas que devem ser liberadas, está aquela a que me referi no início - a feminilidade – e tal só pode ser feito se entendermos que é o poder que a produz e que são as mulheres as suas prisioneiras.

Nicole Laurin-Frenette - Professora de Sociologia na Universidade de Montreal/Membra do Instituto Anarchos, Montreal Canadá, in "Volontà", no. 4, 1982.

VIDA TRISTE DE UMA MULHER

JUDITH MALINA
(poeta, atriz, diretora y produtora, anarquista, estadounidense do séc. XX).
Adaptado livremente por Ino.

primeira aprendizagem
é que não é um homem
e, mais cedo ou mais tarde
ser do sexo feminino
Torna-se um fardo.

e, mais cedo ou mais tarde aprende
que benefícios são
dolorosos e
dolorosos os danos
mulher, deve lutar!

Entende, de alguma forma,
que a lesão mais
É a apresentação e,
mais cedo ou mais tarde,
que é submetida, de alguma maneira
ela usa com paciência e desconforto
alternativas dolorosas
Está com medo e quer
ser uma mulher madura
e torna-se mulher, madura
e isso assusta
ser mulher madura!

às vezes escolhe, mas
é escolhida principalmente
por um ou mais seres homens
eles se tornam seus protetores,

seus destruidores
seus maridos
e amantes
eles encarnam o bem
e o pior
vários graus,
tudo o que acontece
entre um ser homem
e uma ser mulher.

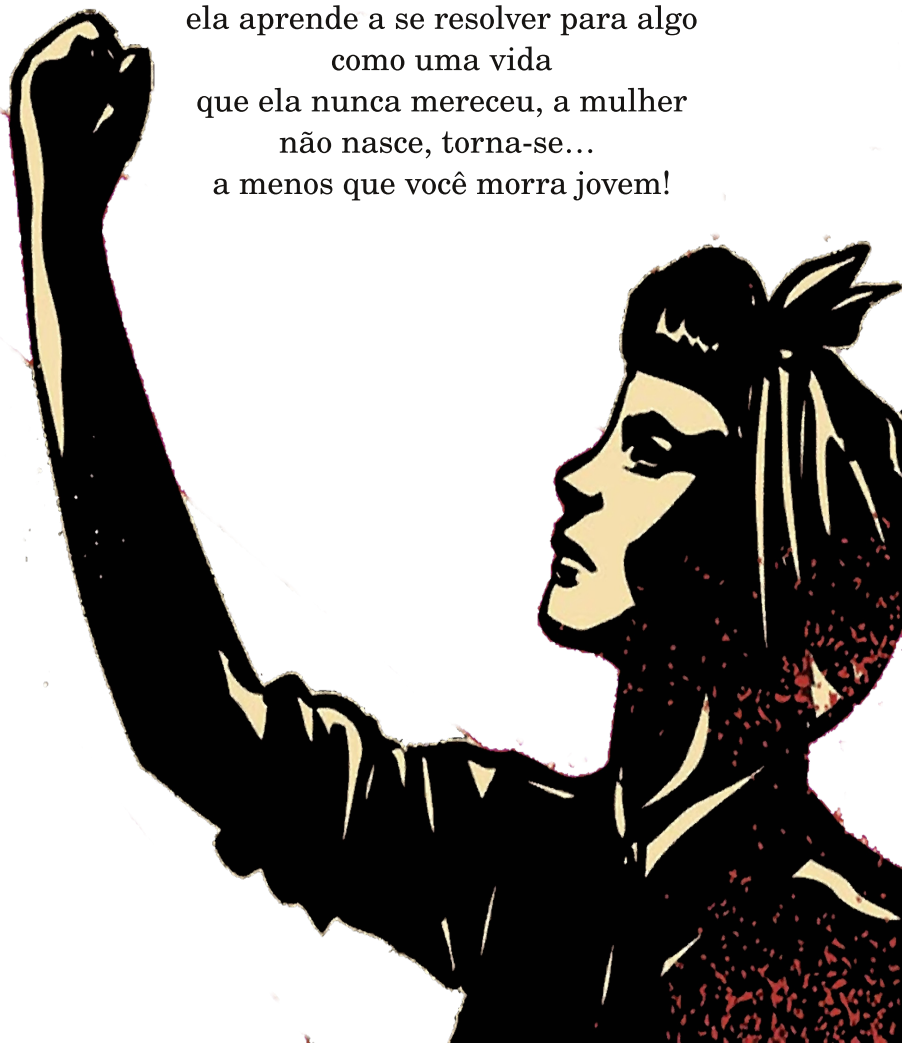
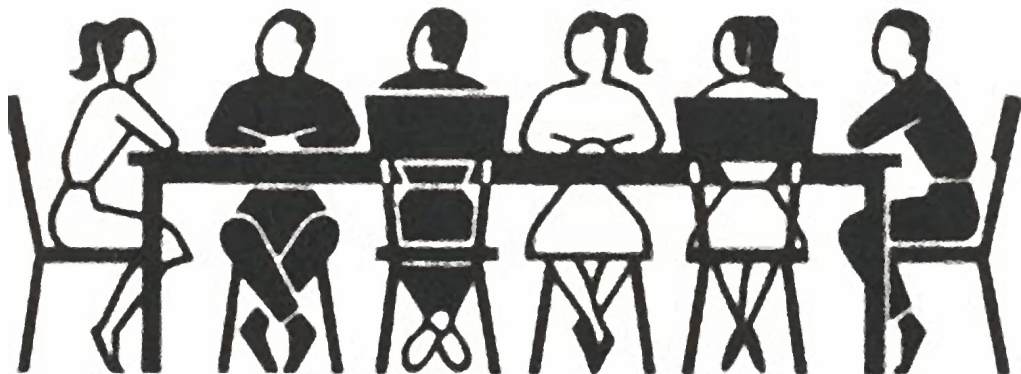
Acostuma! seu corpo se abre
e filhos saem muitas vezes... o seu
corpo é
dilacerado, dor excruciante!
embora frequentemente
o corpo é quebrado com a dor,
suportável?

quase nunca, ou às vezes,
ou nunca ou sempre um homem
penetra seu corpo
das razões por cento
diferente para ela
embora nunca por amor
ela de alguma forma
pesquisa e de alguma forma,
Compreende, arrepende!

quando ela já sofreu suficiente e
sangra,
sangra sempre, dá à luz ou aborta!
Chorar ou não chorar,
do vestido de casamento,
da viúva de luto
aprende!
e quando ela está cansada

de aprender, está velha!

tudo isso mais cedo ou mais tarde
muito cedo, ou demasiado tarde
e aprende para se conformar à
vida
uma mulher idosa, anciã de algum
modo vive.

em um mundo que despreza a
idade
ela aprende a se resolver para algo
como uma vida
que ela nunca mereceu, a mulher
não nasce, torna-se…
a menos que você morra jovem!

A mulher não nasce, torna-se ou da diferenciação sexista na educação

Simone de Beauvoir não acreditava escrever bem.

Desde o seu nascimento, ela tinha percebido a diferenciação educacional sexista. Foi lançada a um processo de integração das normas ligadas ao sexo que durou toda a sua vida.

A cor da roupa, escolher os brinquedos, onde levar o bebê no grupo familiar, na escola, habilidades e traços de caráter não são os mesmos, dependendo se menino ou menina.

"Quanto à menina, segue-se que mimando, é permitido viver nas saias de sua mãe, o pai coloca de joelhos e acaricia o cabelo dela, os vestidos em vestidos doces, como beijos, é favorável ao suas lágrimas e caprichos, é o cuidadosamente penteadas, uns gestos esportivos e faceirice.

Meninas são expandidas a brincar com bonecas, jogos de cozinha, com tábuas de passar roupa, competir em ser a melhor entre as outras na casinha e assim por diante.

Quanto à literatura infantil, são os contos populares do tipo de Cinderela ou Branca de Neve com outras fantasias sexistas.

Eu não posso resistir ao prazer de escrever a história de Duvet, Pistach e Fanny. Fanny, a coelha é triste. Sua casa está vazia. Ela, que gostaria tanto um bebê, não pode tê-lo. Um dia, Pistache, seu marido, tem uma grande ideia: E se encontrarmos um bebê "doado",

um daqueles bebês de pais que não podem cuidar? Esse será Duvet.

A mãe coelha

Fanny, em seguida, chega em casa de Madame Brioche procurando Duvet, e diz. "Madame Brioche, gostaria de ser uma mãe coelho, gostaria de ter coelhos, amar todos eles com minha vida, cuida-los, tirá-los para um passeio, e gostaríamos de contar os nossos segredos ". E para Pistach, quer os coelhinhos para "discutir, jogar e lutar juntos". Em outras palavras, para que o senhor, as "alegrias da paternidade", para senhora o "suplício da maternidade". Tudo que os conceitos de um programa binário caga regras, muito conhecido das jovens leitoras, pois estão submetidas.

Quando chegam na escola maternal (nome muito significativo), as meninas, e modeladas, elas são, se eles têm irmãos, para o mundo implacável da mistura.

Elas vão se divertir em um canto com suas bonecas e alimentos brinquedo.

Elas irão desenvolver suas habilidades motoras sem sujar seus belos vestidos, para que não recebem reprimendas de suas mães, que passaram a noite anterior passada com cuidado. Elas serão felizes em usar o banheiro antes dos meninos; aprendem sobre a higiene muito cedo e de forma muito dramática. E quando "Papai Noel" passa pela escola, oferecendo brinquedos as comportadas meninas, esperam um brinquedo de pelúcia ou um livro, e das menos afortunadas, uma cozinha ou uma boneca, a fim de fazê-las compreender que a igualdade educacional tem limites censitários e deve ser respeitada.

À medida que crescem, a sua feminilidade se expande.

Jogando no pátio da escola elástico ou psicodramas com suas bonecas, recebem baladas ocasionais dos meninos, que precisam de espaço para rivalizar com Newmar ou outro ídolo do futebol. Elas mantêm cadernos arrumados, são muito mais cuidadosas do que os rapazes, guardam o material quando lhes é dito, não são boas em matemática já que a irracionalidade faz parte da natureza feminina . É normal e não muito sério, elas têm insucesso escolar: é porque

suas mães não cuidam delas o suficiente. Se a menina tiver problemas com atenção, sua feminilidade empurra para apatia ou depressão, porque a agressividade é uma coisa dos meninos. Se elas são tão sem vergonha para se juntar com os meninos e jogar com eles, elas vão servir de bodes expiatórios em caso de falhas e erros no jogo. De qualquer forma, elas são pessoas frustradas e um menino realmente não tem interesse em brincar com as meninas, para que não perca a sua masculinidade.

Meninas modeladas

Depois de ter atingido a escola, seu formato é definido. A maioria delas zeram em matemática e em disciplinas científicas, ao fazer ginástica com os meninos, a sua fraqueza física é admitida como intrínseco à sua feminilidade. Prepare-se para se tornar meninas leitoras de Capricho Teen ou qualquer outro estilo de revista ou youtuber famosa, e quer saber como você pode se contentar em 24 horas, das tarefas pesadas para desenvolver; todas as receitas de beleza e testes para suas ansiedades e futilidades. Não se desespere: quando elas conseguirem conquistar o “boymagia” dos sonhos, vai se casar e viver sua feminilidade formidavelmente bem entre o trabalho, a casa e as tarefas de educação, um papel que é sua propriedade exclusiva, numa carga de trabalho escravo.

Mantendo as tradições

"É essencial que a personalidade social de cada indivíduo evolua de forma que corresponda ao seu sexo biológico, ou seja, o menino deve ter costumes do menino e meninas, os costumes das meninas. A normatização dos sexos tende a preparar crianças para o seu papel de futuros pais, essa normatização, apesar de biologicamente determinada, é desenvolvido com base em comportamentos indiferenciados da primeira infância.

Por exemplo, os meninos vão aprender que não devem lutar com suas irmãs, mas com as outros meninos de sua idade ou serão tratados como pessoas afeminadas; devem saber que uma menina

comportada não deve subir em árvores, ou o mesmo que fazem os meninos; Elas têm que entender que depois de uma certa idade, os homens não brincam com bonecas, que os rapazes devem aprender que lágrimas não são uma reação apropriada em uma situação de conflito, embora liberado as meninas. Elas também devem aprender a cruzar as pernas quando sentadas, enquanto tais precauções são desnecessárias para meninos . Esta lista poderia ser estendida ao infinito: é suficiente para evocar estas mudanças progressivas nos comportamentos impostos para alcançar a normatização dos sexos, as mudanças que levam a mais ou menos grandes frustrações. Em alguns casos, as tendências a se rebelar contra a repressão das formas de comportamento original entre os adultos permanecem visíveis."

Isto foi escrito em 1980.

A situação tem evoluído?

Francamente, muito pouco: como empregada, mãe de duas meninas e um menino, eu percebo a precisão do que é dito neste artigo (meus filhos são a exceção que confirma a regra, ahem, ahem).

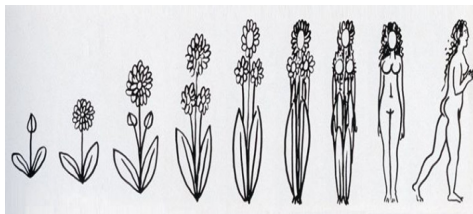
E eu não falei sobre a educação das meninas em países do Terceiro Mundo.

No entanto, quero dizer que 24 por cento das meninas nunca foram à escola primária (fundamental) e 48 por cento destas não estarão ensino médio!

Mas o que isso importa? Não há necessidade de muito treinamento intelectual para ser uma boa dona de casa.

Pessoas, mulheres, aceleremos o trabalho se quisermos acabar com o mito do eterno feminino.

Levante-se, escravas, nós quebramos nossas cadeias, para a frente, para a frente, para a frente!

Is@ Le Monde Libertaire

lernu
esperanto
aprenda
esperanto
anarkio.net

NI luktas por egaleco kaj justeco...

scias pli en anarkio.net

ANARKIO NUN!